

AS EDIÇÕES de 12 de junho de 1975, dos jornais de Nova Déli, saíram com manchetes sensacionais. Indira Gandhi, a primeiro-ministro da Índia (o mais populoso de todos os países de governo democrático, com aproximadamente 600 milhões de habitantes), foi acusada de corrupção eleitoral pela Suprema Corte de Allahabad e convidada a renunciar.

A Sra. Gandhi apelou da sentença e, em princípios de novembro passado, a Suprema Corte absolveu-a. O veredicto da justiça, dizem seus opositores, foi baseado no fato de ter o Parlamento (dominado pelo partido da Sra. Gandhi) emendado então a lei eleitoral, com efeito retroativo, exculpando dessa forma a primeiro-ministro. A Sra. Gandhi mandou prender cerca de três mil

opositores, impôs severa censura à imprensa, suspendeu os direitos constitucionais e proclamou estado de emergência que lhe conferia plenos poderes ditatoriais. Segundo alegou, fez isso para «salvar a democracia», tendo esperanças de que o estado de emergência não iria «se prolongar muito». No entanto, o rigor dessas medidas de exceção faz crer que foram planejadas com muita antecedência, e parece evidente que seus compatriotas terão de desencadear uma



O trágico fracasso de Indira Gandhi

Permitindo a corrupção e se envolvendo em desastrosas experiências socialistas, ela perdeu a chance de livrar a Índia da pobreza. Levará agora a nação para a órbita soviética?

CLAIRE STERLING

CONDENSADO DO «NEW YORK TIMES MAGAZINE» (10 DE AGOSTO DE 1975),
© 1975 DE THE NEW YORK TIMES CO., NOVA YORK

dura luta se quiserem vir a desfrutar de liberdade outra vez.

Ironicamente, de todas as irregularidades imputadas à Sra. Gandhi (era acusada, entre outras coisas, de mergulhar a Índia num mar de corrupção), aquela que a derrubou foi simplesmente a que lhe atribuía a culpa de se ter valido de alguém encarregado dos dinheiros públicos para manobrar sua campanha eleitoral de 1971. Ela não precisava ter corrido esse risco. Estando nessa altura no auge de sua carreira, poderia ter ganho facilmente qualquer eleição sem ajuda de ninguém. Hoje, porém, não é bem assim.

Deterioração. Não foi por se achar «indispensável para a Índia» que ela demitiu o governo constitucional (como alegaram os membros de seu partido no Congresso), mas porque muitos indianos já se mostravam bastante dispostos a demiti-la. A verdade é que a Sra. Gandhi teve uma oportunidade, raramente concedida a qualquer outro líder político do país, de modificar a situação de sua imensa, atormentada e empobrecida nação – e, apesar disso, a deixou escapar. Seu fracasso se fez acompanhar de resultados nefastos e desmoralizadores: subnutrição, estagnação econômica, mercado-negro, uma fantástica corrupção e «uma das mais extraordinárias

deteriorações no padrão de vida jamais experimentadas por qualquer outro país» (na opinião de um comentarista do *Economist*, de Londres). No entanto, o que fez com que o caos se avolumasse ainda mais foi um «colapso de autoridade moral», segundo as palavras do conceituado jornalista indiano George Verghese. «O fracasso da liderança trouxe consigo cinismo, frustração, indisciplina, descontentamento, violência, visíveis indícios de desintegração e o inevitável caos.»

São palavras duras, especialmente de um homem que foi conselheiro fidedigno da Sra. Gandhi e seu consultor de imprensa. O fato é que, ao viajar pelo país logo depois da crise, tive ocasião de verificar a cada passo que essas afirmações eram verdadeiras. Bombaim estava assistindo a uma média de 24 manifestações públicas de protesto *por dia*. Em Calcutá, onde uma quinta parte da população ativa estava desempregada, a situação era ainda mais tensa. As prisões em Bihar (improvisadas em escolas, parques e jardins zoológicos) se encontravam praticamente abarrotadas com mais de 50 mil presos políticos. Muitos deles eram sectários pacifistas de Jaya Prakash Narayan, intelectual religioso que se tornara a maior ameaça concreta ao poderio da Sra. Gandhi.

Boa parte dessa inquietação é consequência de três anos de secas catastróficas; no entanto, não

CLAIRE STERLING escreve regularmente para *The Atlantic Monthly*, o *Post* de Washington e o *International Herald Tribune*.

existe nada de sobrenatural nas causas que motivaram a onda de corrupção que fez desviar o arroz para o mercado-negro (onde seus preços subiram vertiginosamente 300%), que fez arrasar os pequenos agricultores ao mesmo tempo que favoreceu os grandes latifundiários. Mesmo as massas populacionais empobrecidas da Índia, resignadas com a miséria perpétua, têm deixado transparecer que, desta vez, é «ela» a culpada pelas calamidades que o país atravessa.

Boneca muda. Nem sempre as coisas se passaram assim. Já foi tempo em que o povo demonstrou grande apreço por Indira Gandhi. Há os que a conheceram desde a infância, como filha do hábil e carismático Jawaharlal Nehru, primeiro-ministro da Índia logo depois da independência; outros que a viram, ainda menininha, sentada nos joelhos de Mahatma Gandhi, o santo leigo da Índia.

Indira estudou na Suíça e em Oxford; em 1942, casou com um colega indiano, também estudante, advogado no início de carreira, chamado Feroze Gandhi (sem qualquer parentesco com o Mahatma Gandhi). Em 1947, depois de Nehru assumir o cargo de primeiro-ministro, Indira se mudou com a família para junto do pai. Ela e o marido se separaram, e Indira passou a desempenhar funções de secretária particular do pai, viúvo, tornando-se sua mais íntima confidente política e final-

mente ganhando posição de prestígio em seu partido no Congresso. Em 1966, dois anos depois da morte de Nehru, os líderes do partido designaram-na primeiro-ministro, pensando que ela seria fácil de manobrar. *Goongi Gudiya* (a Boneca Muda) era como eles a chamavam.

A princípio, a *Goongi Gudiya* não demonstrou o que era. Em 1969, três anos depois de ter sido nomeada para o lugar de primeiro-ministro, ela pareceu inclusive condescendente quando os líderes do partido indicaram para a presidência um homem de idéias políticas contrárias às dela, nitidamente convencidos de que ele iria nomear um novo primeiro-ministro. Ao mesmo tempo, ela ia engajando secretamente pessoas de sua confiança na máquina do partido. Então, um belo dia, subitamente, deu sua adesão a um candidato presidencial que não era da simpatia dos líderes do partido, e desencadeou uma campanha em favor desse político que deixou os líderes desnorteados. O homem que ela apoiou venceu por pequena margem, mas, nas eleições de 1971, ela venceu por uma apreciável maioria de dois terços, na câmara baixa do Parlamento.

Sua oportunidade seguinte chegou quando o governo paquistanês esmagou o movimento de autonomia dos bengaleses no Paquistão Oriental, o que motivou a penetração na Índia de uma onda de refugiados bengalis. Indira esperou

pelo momento oportuno, e então se decidiu a atacar com as armas avaliadas em dois bilhões de dólares, que ela tinha recebido da União Soviética. Foi uma guerra-relâmpago, cuja vitória levou à criação do estado independente de Bangladesh e veio dar mais um triunfo nas urnas à Sra. Gandhi: nas eleições nacionais de 1972, ela ganhou em 19 dos 21 estados da Índia.

A seguir, veio o teste de uma explosão nuclear; depois, um satélite lançado ao espaço; após isso, veio a anexação (sem o menor consentimento) do indefeso Sikkim, minúsculo principado da fronteira. «O único homem da Índia», assim a classificavam orgulhosamente seus eleitores reconhecidos.

O problema era que, embora ela tivesse proporcionado muita coisa, em termos de política e de prestígio, havia prometido muito mais: nada menos do que a *Garibi Hatao* (abolição da pobreza). Na verdade, sob uma política que Indira Gandhi insistia em classificar de socialista, os ricos continuavam a ser favorecidos, pois quase nenhum deles pagava impostos consideráveis. Além disso, enquanto em 1971 cerca de 220 milhões de compatriotas da Sra. Gandhi estavam vivendo com o equivalente a seis dólares (ou menos) por mês, hoje esse número pulou para 385 milhões. Atualmente, três quartas partes dos indianos não têm trabalho assegurado e recebem me-

nos que o equivalente a 50 dólares por ano. Uns 30 milhões de indianos adultos se encontram desempregados; nas áreas rurais, o desemprego aumentou 600% nas últimas duas décadas; dos 16 milhões de jovens que completaram o curso secundário na Índia em 1974, cerca de 30% não encontram emprego de qualquer espécie.

Não parece. Quando temos o primeiro contato com a Sra. Gandhi, jamais podemos imaginar que aquela mulher seja capaz de tomar decisões. A senhora que estava me aguardando, tranqüilamente sentada à sua mesa impecavelmente arrumada, quando fui visitá-la recentemente na *Lok Sabha* (câmara baixa do Parlamento) em Déli, era incrivelmente baixa, delicada e feminina. Aque-las mechas brancas espalhadas por seu cabelo curto mais pareciam um toque de elegância do que um indício de seus 57 anos. Conversando sempre tão sobriamente, ela mantém o diálogo num plano neutro, sempre desapaixonada e cuidadosamente evasiva, sem se mostrar disposta à discussão. Por exemplo, quando lhe perguntei como encarava a capacidade de seu governo para enfrentar os problemas econômicos do país, ela respondeu: «Evidentemente que temos problemas, mas muitos são devidos a causas além do nosso controle, como as condições climáticas. Dos outros, muitos são de natureza temporária e inevitáveis em virtude do próprio processo de

desenvolvimento.» Em qualquer caso, segundo ela insinuou com absoluta confiança, a Índia certamente conseguirá manter a produção de alimentos equilibrada com o crescimento da população, e, «em breve, estaremos livres de todos os nossos problemas de ordem econômica».

Ao lhe perguntar como tencionava alcançar isso, ela continuou falando de outras coisas. A principal questão, em seu entender, era que «certos elementos da oposição estão se intrometendo na política do governo, valendo-se das dificuldades econômicas e argumentando em nome da democracia».

Das várias centenas de pessoas que passam pelo seu gabinete diariamente, muitas delas ficam falando o tempo todo, enquanto a Sra. Gandhi só escuta (quando escuta) sem fazer comentários. Destacado representante de um país estrangeiro declarou-me que, depois de ter ido ao gabinete de Indira a seu convite, ali ficou por 20 minutos tentando iniciar conversação, mas acabou por desistir e veio embora, sem que ela tivesse murmurado uma só palavra ou houvesse alguma vez levantado a cabeça para desviar a vista das cartas que estava assinando. Ela é assim. A seu respeito, Henry Kissinger disse: «Aquela senhora é austera e impassível.»

O problema da agricultura.

Da maneira como a Sra. Gandhi atualmente governa, qualquer ministro do seu gabinete, elemento

do partido ou outra alta personalidade sabem que ocupam seus cargos somente porque isso é do agrado dela. Se faz algo de útil para ela em época de eleições, pode contar com sua proteção. Repetidas vezes ela tem protegido funcionários claramente implicados em casos de corrupção.

Exemplos: um ex-ministro de Orissa que recebeu 100 mil dólares de negociantes de folhas de *kendu*, por favores que lhes prestou; o ministro da agricultura de Punjab, frontalmente acusado de instalar fazendas para exploração comercial em terras de refugiados, reservadas para os «apadrinhados». Ninguém ousa mencionar, é claro, a negociata em que o filho da Sra. Gandhi, Sanjay, de 29 anos, recebeu há tempos o equivalente a 40 milhões de dólares e mais valorizado terreno de 120 hectares para instalar a indústria automobilística que iria produzir o pequeno carro «Maruti». Até hoje, ninguém viu um automóvel desses circulando.

Indira Gandhi tem conhecimentos muito limitados de economia. Enquanto algumas experiências socialistas têm dado resultados, a dela na Índia tem sido uma calamidade. Teoricamente, a capacidade industrial do país está, em nono lugar entre todas as nações, mas as indústrias do setor público, em média, estão operando com menos de metade da sua capacidade; as aciarias, com 40%; as usinas elétricas, com 35%. Daí resultam escassez de produtos, blo-

queios, estrangulamentos e colapsos em todos os setores vitais.

Apesar de tudo isso, a mais comprometedora acusação que se faz ao socialismo adotado na Índia é o menosprezo que se tem dado à agricultura. Embora na Índia, mais do que em qualquer outro país, se cultive grande parte das terras aráveis, as colheitas são muito inferiores às produzidas em países como, por exemplo, Formosa e o Egito. De 1951 a 1973, esse desequilíbrio foi compensado por 92 milhões de toneladas de cereais alimentícios doados ou vendidos por países estrangeiros, principalmente os Estados Unidos, cuja ajuda à Índia, sob todas as formas, já excedeu dez bilhões de dólares desde que este país se tornou independente, em 1947.

Planejadores idealistas. Em 1970, as monções foram bastante favoráveis e a Índia teve colheitas excelentes. Então, a Sra. Gandhi achou que jamais precisaria de auxílio estrangeiro em alimentos. Essa orgulhosa afirmação foi feita num momento de euforia sem precedentes, mas em 1972 as chuvas falharam de maneira drástica. A Sra. Gandhi decretou um programa de emergência para aumentar em um terço a produção de trigo, e em mais do dobro a colheita de verão de arroz, num ano apenas. Isso seria alcançado cultivando mais 20% de terras aráveis, facultando créditos especiais aos agricultores, fornecendo fertilizantes, sementes mais produtivas, in-

seticidas, abrindo poços artesianos, facilitando a utilização de sistemas de bombeamento e fornecendo mais energia elétrica.

Era um sonho para planejadores idealistas. A Índia não tinha quaisquer meios de obter nem metade dos fertilizantes necessários quanto mais as quantidades adequadas de sementes, inseticidas, etc. A produção de cereais, em vez de atingir os 15 milhões de toneladas previstos, na realidade caiu 3,5 milhões de toneladas abaixo do total do ano anterior, e a Sra. Gandhi foi obrigada a gastar até dois bilhões de dólares anuais com a importação de alimentos.

Desde sua vitória nas eleições de 1971, Indira Gandhi tem disposto de *todo* o poder necessário para promover as transformações radicais de que a Índia precisa para começar a se recuperar de sua profunda debilidade. Mais de dois terços da população rural da Índia, por exemplo, não têm terras, ou, na melhor das hipóteses, menos de dois hectares por família. Muitos dos pequenos agricultores estão de tal maneira em dívida com os grandes latifundiários que, na realidade, não podem ser considerados proprietários de suas terras. A legislação para uma autêntica reforma agrária, que está engavetada nos ministérios, viria liquidar essas dívidas, tornar o crédito acessível a eles e, efetivamente, acabar com os imensos e ilegais latifúndios, de modo que o pequeno agricultor também tivesse o seu quinhão,

mas os ricos fazendeiros (dos quais depende fundamentalmente o partido da Sra. Gandhi no Congresso) se opõem a qualquer reforma.

Sozinha. Quaisquer que sejam os passos que a Sra. Gandhi venha a dar, sua posição poderá se tornar intolerável a qualquer momento. Mantém deliberadamente débil o partido do Congresso, para que este não interfira em sua política. Para onde se voltará quando precisar do apoio do povo? Somente o Partido Comunista de Moscou está em condições de levar esse povo a se manifestar. Um partido comunista que conta com apenas 350 mil filiados pode parecer por demais fraco; no entanto, há muito tempo vem propiciando à Sra. Gandhi alguns de seus conselheiros de maior confiança e com capacidade de mobilizar rapidamente manifestações de rua.

Isto não quer dizer que a Sra. Gandhi, necessariamente, simpatize com os comunistas indianos ou mesmo com a União Soviética; quer dizer, isso sim, que ela tem alguma afinidade ideológica com ambos, em sua acentuada preferência pelo «socialismo» de qualquer tipo, em relação ao capitalismo de qualquer espécie, particularmente o norte-americano. Em público, a Sra. Gandhi nunca se cansou de salientar a lealdade da União Soviética quando auxiliou a Índia em crises como a guerra de Bangladesh. Ela não menciona o fato de que, desde 1966, os soviéticos não lhe concedem créditos

econômicos, enquanto um consórcio de países ocidentais, inclusive os Estados Unidos, está prestando ajuda à Índia, cujo valor atingiu um bilhão de dólares em 1974.

Bem vistas as coisas, Indira Gandhi talvez desfrute agora de mais poder do que nunca, mas a verdade é que também se acha mais isolada. Ninguém partilha com ela da culpa pelo fracasso do regime; ninguém, de qualquer escalão político, está disposto a repartir com ela a responsabilidade de governar tão vasta e subdesenvolvida nação. Indira se relegou tão desesperadamente ao isolamento e se enredou tanto em limitações que lhe cortam qualquer saída que o simples fato de se manter na cúpula pode muito bem levá-la a se tornar uma autêntica ditadora. Sua dependência de Moscou e dos comunistas pode levar o país a cair na órbita soviética.

Agora mais do que nunca, o destino de Indira Gandhi depende do milhão de homens do exército indiano, que se têm conservado resolutamente apolíticos desde a independência e imbuídos de lealdade aos princípios constitucionais. Se ela tentar subitamente ou de maneira drástica passar de um cargo tradicional de primeiro-ministro a líder absoluto de um Estado policial, o exército pode intervir. Se isso acontecer, é quase certo que não a substituirá por um ditador militar; procurará restaurar as instituições que seus homens sabem que terão de defender. ▲